

Chissano em Portugal · Público $\frac{6}{6}$ Possível paz em $\frac{6}{92}$ Moçambique dentro de dois meses

Jorge Heitor

O Governo de Moçambique entende que as negociações da paz poderiam terminar antes do fim de Julho, se a Renamo não levantasse obstáculos de maior. Um enorme "se", que depende das pressões que diversos países forem capazes de fazer sobre os dois contendores.

O presidente Joaquim Chissano, que desde ontem e até domingo à noite se encontra em Portugal, admitiu a um grupo de empresários — durante almoço num hotel lisboeta, com a presença do secretário de Estado do Tesouro, José Braz — que as negociações de Roma sobre a paz em Moçambique poderão terminar antes do fim do próximo mês.

"Se os países que estão envolvidos fizerem uma pressão adequada sobre a Renamo, poderemos concluir a discussão das questões militares em menos de um mês. Restam então as garantias constitucionais. A Renamo quer discutir a Constituição em Roma. Mas nós entendemos que lhe podemos dar garantias (sobre o futuro articulado constitucional) e isso demora apenas alguns dias" — disse Chissano, que ao princípio da manhã chegara a Lisboa, a caminho da Cimeira da Terra, no Rio de Janeiro.

"Portugal terá um grande papel a desempenhar na implementação do acordo de paz, que passa por várias fases: observação do processo eleitoral, criação das novas Forças Armadas, fiscalização do cessar-fogo, reinserção na vida social dos elementos desmobilizados" — afirmou depois o Presidente num encontro com a imprensa, antes de às 15h30 receber a primeira dama portuguesa, Maria Barroso

Soares, que está empenhada num programa de apoio às crianças moçambicanas.

Reuniões com Cavaco

No campo económico, todos os planos para uma maior presença portuguesa em Moçambique estão dependentes da estabilidade a médio prazo, conforme sublinhou o Presidente do Conselho Nacional dos Empresários Portugueses (CNEP), Pedro Ferraz da Costa, durante o almoço.

Ao fim da tarde seria o importante encontro de duas horas com o primeiro-ministro Cavaco Silva, encontro esse que se prolongaria por um jantar privado, no Palácio de São Bento, a fim de as duas partes acertarem a participação de Portugal, como observador, em todo o processo de paz, que na próxima semana deverá ser reatado em Roma, onde decorre há quase dois anos.

Quanto à muito falada hipótese de uma reunião com o líder da Renamo, Afonso Dlakhamma, o Presidente moçambicano declarou que só valerá a pena quando houver garantias de que poderão ser estabelecidas tréguas; e que terá sempre de ser muito bem preparada, não interessando realizá-la sem haver de antemão condições para o cessar-fogo.

Hoje, depois de almoçar no Palácio das Necessidades, sede do Ministério dos Negócios Estrangeiros, novamente a convite de Cavaco Silva, vai ao Porto assistir à assinatura de um acordo entre empresas portuguesas e moçambicanas. E amanhã desloca-se à Madeira, a visitar um "amigo (dos tempos) da juventude", João Jardim. ■